



Julio 2017 - ISSN: 1988

EXPERIÊNCIA DE ÓCIO NO PROJETO FÁBRICA DE ARTES: UM DIÁLOGO ENTRE RELIGIÃO E ÓCIO

Marcos Gonçalves Maciel

Universidade do Estado de Minas Gerais/Brasil¹

Email: marcos.maciел@uemg.br

Monize Lara Utsch Lalleti

Wesley Moreira Saraiva

Universidade do Estado de Minas Gerais/Brasil

Mariana Nunes de Carvalho

Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais/Brasil

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Marcos Gonçalves Maciel, Monize Lara Utsch Lalleti, Wesley Moreira Saraiva y Mariana Nunes de Carvalho (2017): "Experiência de ócio no projeto fábrica de artes: um diálogo entre religião e ócio", Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, (julio-septiembre 2017). En línea: <http://www.eumed.net/rev/cccss/2017/03/projeto-religiao-ocio.html>

Resumo

O objetivo deste trabalho é compreender se a apropriação de vivências artísticas em um contexto religioso pode ser entendida enquanto experiências de ócio. A pesquisa caracteriza-se como fenomenológica, descritiva e do tipo estudo de caso. A escolha do local e dos participantes foi intencional, sendo a definição desses realizado conforme a técnica de saturação dos dados. Para a coleta de dados adotamos a observação não participante e a entrevista em profundidade. Para a análise das informações usamos a análise do conteúdo. Participaram 10 alunos, adultos de ambos os sexos, sendo oito mulheres e dois homens, de um projeto realizado por uma igreja de denominação batista em Belo Horizonte/MG. Analisamos as vivências de duas manifestações artísticas, um grupo de coral e um grupo de dança urbana. Como principais resultados, identificamos que as vivências analisadas nesse contexto religioso, independentemente do sexo, faixa etária e manifestação artística, apresentam características semelhantes aos atributos das experiências de ócio, como: motivação intrínseca, percepção de liberdade, descanso ou relaxamento, sociabilidade e desafio. Concluímos que o contexto religioso analisado permitiu a potencialização das vivências enquanto experiências de ócio, contribuindo para o desenvolvimento humano dos envolvidos.

Palavras-chave: Arte. Dança. Coral

Abstract

The objective of this work is to understand if the appropriation of artistic experiences in a religious context can be understood as experiences of leisure. The research is characterized as phenomenological, of the case study type. The choice of venue and participants was intentional, and the definition of these was performed according to the data saturation technique. For the data collection we adopted the non-participant observation and the in-depth interview. For analyzing the information we use content analysis. Ten students participated in a project carried out by a Baptist

¹ Marcos Gonçalves Maciel – PhD em Estudos do Lazer; Monize Lara Utsch Lalleti – licenciada em Educação Física; Wesley Moreira Saraiva – Mestrado em Desenvolvimento Local, Gestão Social e Educação. Mariana Nunes de Carvalho – Especialista em Atividade Física Aplicado a Reabilitação Cardíaca e Grupos Especiais.

denomination church in Belo Horizonte/MG, with nine women and three men. We analyze the experiences of two artistic manifestations, a choral group and an urban dance group, both composed of adults of both sexes. As main results, we identified that the experiences analyzed in this religious context presented similar characteristics to leisure experiences, regardless of gender, age group and artistic manifestation. The attributes of the most reported leisure experiences were: intrinsic motivation, perception of freedom, rest or relaxation, sociability and challenge. We conclude that the analyzed context allowed the potentialization of experiences as leisure experiences, contributing to the human development of those involved.

Keywords: Religion. Art. Experience

Resumen

El objetivo de este trabajo es entender la apropiación de experiencias artísticas en un contexto religioso puede ser entendido como experiencias de ocio. La investigación se caracteriza como, el estudio de caso tipo fenomenológico. La elección del lugar y los participantes fue intencional, la definición de las realizadas según la técnica de saturación de datos. Para recoger los datos adoptamos la observación no participante y la entrevista en profundidad. Para el análisis de la información que utilizamos para analizar el contenido. 10 estudiantes participaron en un proyecto llevado a cabo por una iglesia denominación Bautista en Belo Horizonte/MG, nueve mujeres y tres hombres. Hemos analizado las experiencias de dos eventos artísticos, un grupo de coral y un grupo de danza urbana que consisten en adultos de ambos sexos. Los principales resultados, se encontró que las experiencias analizadas en este contexto religioso mostraron características similares a las experiencias de ocio, independientemente del sexo, la edad y la expresión artística. Los atributos de las experiencias de ocio reportados fueron: la motivación intrínseca, la libertad percibida, el descanso o la relajación, la sociabilidad y el desafío. Llegamos a la conclusión que el contexto analizado permitió la mejora de experiencias como experiencias de ocio, contribuyendo al desarrollo humano de los involucrados.

Palabras clave: la religión. Art. experiencia

1. INTRODUÇÃO

A concepção do ócio humanista proposta por Cuenca (2000), epistemologicamente pauta-se, sobretudo, na abordagem fenomenológica. Essa perspectiva possibilita um refletir mais dinâmico em relação à liberação de um tempo social para se vivenciar o ócio. Além de não compreender a temporalidade como fator limitante ou essencial, esse autor concebe o ócio como uma experiência humana envolvendo uma percepção subjetiva caracterizada pela satisfação, não obrigatoriedade e necessidade vital, com um fim em si mesmo – autotélico. Rhoden (2009) entende o ócio como um fenômeno psicossocial e de caráter psiquicamente dinâmico, enquanto que Monteagudo et al, (2013), destacam o duplo sentido atribuído ao ócio enquanto meio de potencialização de desenvolvimento e singularidade da expressão humana.

Ainda segundo Rhoden (2009), as experiências de ócio caracterizam-se pela identificação de pelo menos três de 11 atributos de interações psicodinâmicas e impactos desencadeados sobre as pessoas que passam por determinadas vivências, a saber: 1) percepção de liberdade; 2) motivação ou significado intrínseco (autotelismo); 3) desfrute ou estados afetivos positivos; 4) desenvolvimento humano; 5) sociabilidade ou encontro interpessoal; 6) descanso ou relaxamento; 7) ruptura ou evasão; 8) desafio; 9) implicação psicológica; 10) autoexpressão; e, finalmente, 11) os estados introspectivos: o encontro consigo, a com a natureza ou com a beleza (apreciação estética).

Um dos contextos sociais em que essas experiências podem ocorrer é no religioso. Segundo Maciel, Carvalho e Vieira Junior (2016) ainda é incipiente no Brasil trabalhos que investigam essa temática; pode-se citar, por exemplo, alguns ensaios (SILVA, 2013; GAROFALO NETO, 2011; GABRIEL; MARCELLINO, 2007; GONDIM, 1999) e trabalhos empíricos (COSTA, 2015, 2016; ROSCOCHE, 2015; OLIVEIRA; ROMERA; MARCELLINO, 2011; MESQUITA, 2007), que buscam compreender essa relação.

Em senso comum o que se percebe, pelo menos no Brasil, é um aumento dos chamados “ministérios²” que viabilizam vivências culturais em igrejas evangélicas, sobretudo, aos fiéis. Esses ministérios são conduzidos por pessoas denominados de líderes, que possuem, segundo eles, um

²Ministério é o nome adotado para designar um segmento da igreja que atua em uma área específica para atender os membros e/ou a comunidade em geral, por exemplo, por meio de ações sociais.

“chamado ministerial”, isto é, Deus lhe deu determinadas competências e habilidades que devem ser colocadas em prática para o ensino da Palavra de Deus em diferentes situações, tanto liturgicamente, como no apoio às ações que são realizadas pela igreja. Esses líderes podem ser pessoas que possuem experiência prática em determinada vivência cultural, contudo, sem nenhuma formação profissional relacionada à mesma; mas, também há aqueles que detêm uma formação acadêmica específica, por exemplo, nas diferentes manifestações artísticas como danças, artes cênicas, música, canto.

Esses ministérios proporcionam atividades a diferentes faixas etárias, sexo e interesses culturais, atraindo pessoas tanto da própria denominação, quanto de outras, e até mesmo de religiões diferentes. As atividades desenvolvidas nos ministérios podem ter duplo objetivo, o ensino dos valores apregoados pela fé, e/ou promover vivências culturais. Como exemplo, podemos destacar ministérios como os “Atletas de Cristo”, Moto Clubes Gospel, “Corredores de Cristo”, grupos de teatro, dança e música – nas suas mais diversas modalidades, como balé, jazz, hip hop, *street* –, “Doutores da Alegria” – fazem visitas de capelania a hospitais, asilos e creches –, festas gospel com DJ’s, dentre inúmeros outros.

Neste trabalho abordaremos somente as vivências no contexto religioso evangélico, relacionadas a duas manifestações artísticas, dança e coral. Incontestável é a abertura desse segmento social às manifestações culturais, o que tem possibilitado a criação de diversos projetos sociais. Todavia, segundo Prandi (2008) ao se tomar uma cultura como objeto de reflexão, é preciso considerar as pessoas nela envolvida, tendo em vista, as constantes interações promovidas entre as ações e simbolismos que a permeia. Ainda conforme o autor em tela, o que interessa nessa análise no caso da religião são os valores e normas praticadas. Portanto, é preciso ponderar que essa interação só faz sentido no contexto da conduta real das pessoas, e não podem ser desassociadas das ações que as orientam, podendo, assim, constituir novos padrões culturais, mas que também são históricos e concretos.

Enfim, não se pode ignorar que determinada religião intervém na visão de mundo, na adoção de hábitos, na formação de valores e de condutas (PAIVA et al. 2002). Essa alegação também é corroborada por Prandi (2008), ao afirmar que a religião não apenas é parte constitutiva da cultura, mas, também, abastece-a axiológica e normativamente, estabelecendo uma interação recíproca, dinâmica e transformadora com as distintas culturas.

Por meio de análises realizadas pela Psicologia da Religião, Silva (2008) destaca a relação entre as experiências religiosas e a estética, permeando complexos processos psicológicos que envolvem os sentidos, a cognição e o afeto, e dizem respeito à imediata apreensão respectivamente do objeto religioso e do objeto belo, em particular na obra de arte. Em outras palavras, essas experiências por meio da arte podem levar as pessoas a níveis de transcendência. Ainda segundo Silva (2008), a arte sendo foco de convergência de valores éticos, sociais e políticos, pode vincular-se à religião, à moral e à sociedade, como um todo, suscitando questões axiológicas, tanto no âmbito da vida coletiva como no da existência individual, seja esta a do artista que cria uma obra, seja a do contemplador que sente os seus efeitos.

Tendo em vista a temática apresentada, esta pesquisa foi desenvolvida no projeto denominado “Fábrica de Artes”, vinculado à Igreja Batista de Lagoinha em Belo Horizonte/Minas Gerais/Brasil. Este inaugurado em 2014, é um segmento do Ministério Diante do Trono, pertencente à mesma igreja. O projeto possui instalações que comportam um complexo de 70 salas, atendendo centenas de alunos de diferentes faixas etárias e de ambos os sexos, oferecendo vários tipos de cursos, como música, teatro, dança, artes plásticas, atendendo a membros da igreja, e também à comunidade em geral.

A proposta desse projeto é promover a valorização do ser humano, fomentando as boas práticas e disseminando os conceitos morais e éticos cristãos, contribuindo para a aquisição de conhecimento técnico, descoberta e/ou aprimoramento de talentos dos alunos, especialmente no que tange à competência e habilidade dentro da área de interesse individual. De forma complementar, busca fomentar o interesse e valorização pela arte na comunidade cristã. Considerando esses aspectos, o objetivo deste trabalho é compreender se a apropriação de vivências artísticas em um contexto religioso pode ser entendida enquanto experiências de ócio.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho segue uma abordagem fenomenológica considerando a subjetividade e interpretação da percepção dos envolvidos na análise de determinado fenômeno em um contexto. Ademais, trata de um estudo de caso, do tipo descritivo-exploratório (TRIVIÑOS, 1987).

A definição do número de participantes da pesquisa – de ambos os sexos – ocorreu intencionalmente e conforme a proposta da técnica de saturação dos dados (STRAUSS; CORBIN, 2008). Para a coleta de informações foram adotadas duas estratégias, a observação não participante e um roteiro de entrevista semiestruturada, contendo dados sociodemográficos e questões abertas relacionadas às percepções quanto à vivência nas aulas. As entrevistas foram gravadas por meio de áudio e posteriormente transcritas na íntegra. Como método de interpretação dos dados foi utilizado a análise de conteúdo (BARDIN, 1977).

Para a realização desta pesquisa, foram considerados todos os procedimentos estabelecidos pelas recomendações éticas do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012), quanto à participação de seres humanos. O Projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais, sob o parecer, 1.468.050. Para garantir o anonimato dos participantes, os identificamos inicialmente pela letra P e um número, seguido entre parênteses pela idade e sexo, por exemplo, P5 (37F).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para uma melhor compreensão do contexto estudado, apresentamos uma breve descrição do ministério Fábrica de Artes. Este possui uma sede própria, contando com dois pavimentos: 1º pavimento – é composto por um teatro para 400 pessoas; dois estúdios para artes plásticas; duas salas de ensaio para grupos vocais; três salas para ensaio de banda; três salas para musicalização infantil; quatro estúdios de 100m² cada – dança, grande coro, orquestra, e gravação; seis salas para estudo individual; 11 salas para instrumentos acústicos; 12 salas para instrumentos eletrônicos. 2º pavimento – apresenta um auditório; duas salas de dança; duas salas de aula para teatro; quatro salas de aula – matérias teóricas; 15 escritórios (administração, coordenadorias, salas de reuniões e secretaria). Oferece um atendimento de capelania para alunos e professores, ou seja, um acompanhamento pastoral para atender as pessoas que queiram um aconselhamento segundo os princípios adotados pela denominação a qual faz parte. À época da pesquisa o ministério atendia 323 alunos, estando em fase de expansão, conforme as informações fornecidas por uma das coordenadoras do ministério. As vivências escolhidas para serem investigadas foram: 1) Dança urbana – grupo formado por alunos com faixa etária a partir de 18 anos; 2) Coral adulto. Ambos os ministérios, permitem a participação de pessoas tanto do sexo masculino, quanto feminino.

O grupo de dança foi fundado em agosto de 2014, sendo dirigido pela mesma professora, que é membra da igreja, com formação em Engenharia de Produção. Embora não tenha formação na área da dança, atua há oito anos no “ministério principal” de dança da igreja, que tem a orientação de profissionais especialistas – graduação e pós-graduação – nessa área. Os participantes do grupo, igualmente, são todos membros da igreja, sendo composto por um homem e 15 mulheres, como idade média de 20 anos – e idade compreendida entre 17 e 37 anos –, tendo um tempo médio de participação de 18 meses.

Os ensaios do grupo ocorrem aos sábados, no horário de 13:30 às 17:30 horas. Esse tempo é dividido em dois momentos distintos. O primeiro com duração de uma hora, caracterizado como “devocional”, isto é, um momento litúrgico, com o compartilhamento dos ensinamentos bíblicos, orações e das experiências que as pessoas tiveram ao longo da semana, seja, bons e/ou ruins. O segundo, com duração de três horas, consiste no ensino das técnicas de dança e/ou ensaio de coreografias a serem apresentadas nos cultos e/ou eventos específicos na própria igreja, ou em outras, como meio de evangelização pela dança.

O outro grupo analisado, Coral adulto, também foi fundado em agosto de 2014, sendo liderando desde o início, por dois professores regentes, ambos, membros da igreja. Um dos regentes possui formação em piano e canto, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, e música, pela Universidade Federal de Minas Gerais. O outro regente é bacharel em Publicidade e Propaganda, e também em Educação Musical, pela Universidade do Estado de Minas Gerais. O grupo é composto por 45 alunos, de ambos os sexos, com idade entre 17 e 56 anos; tendo em média 15 meses de participação. Identificou-se que o grupo possui alunos que são membros da igreja, bem como de outras denominações evangélicas, e não cristãos. Os ensaios ocorrem aos sábados, no período das 10:30 às 12:30 horas; adotando a mesma dinâmica do grupo de dança, isto é, um tempo dedicado ao “devocional” e outro à parte técnica e/ou ensaio das músicas que serão entoadas.

As vivências artísticas ofertadas nesse contexto podem ser relacionadas à dimensão criativa do ócio, como proposto por Cuenca (2000). Para o autor, essa dimensão atua como um momento da interação do ócio com a cultura, proporcionando uma formação, reflexão e crescimento

pessoal criativo. Nas artes, segundo Cuenca (2000), se identifica a possibilidade de liberdade de ação e escolha, o autotelismo, promovendo a satisfação pela intencionalidade da ação ativa com a experiência. Portanto, trata de uma atitude consciente e protagonista, estando relacionada com a autorrealização, na aprendizagem e na formação da pessoa. Enfim, essas vivências são análogas à dimensão criativa e gratificante, possibilitando o desenvolvimento pessoal e sentimento de alegria.

Quanto a análise dos dados, apresentamos *a priori*, uma descrição das aulas observadas, que foram registradas em um diário de campo entre os meses de junho e setembro de 2016 (04/06; 25/06; 19/08; 23/09; 21/10), que ocorreu conforme a disponibilidade de uma das pesquisadoras e a realização dos ensaios aos sábados, em horários distintos. As observações foram interrompidas quando identificado que não agregariam novas informações à análise das aulas de acordo com o objetivo proposto. Participaram da pesquisa 10 pessoas, dois do sexo masculino e oito do sexo feminino, conforme os dados apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 - Dados sociodemográficos dos participantes		
Grupos	Coral	Dança Urbana
Participantes	5	5
Sexo	2 Homens e 3 mulheres	5 mulheres
Faixa etária (anos)	22 a 44	21 a 23
Idade média (anos)	33,6	21,8

Fonte: Elaborado pelos autores

As observações permitiram identificar a dinâmica realizada nas aulas, isto é, como era a relação interpessoal – entre os alunos e alunos, alunos e professores –, o envolvimento nas atividades realizadas, e uma percepção em como se dava a realização das vivências com a análise das entrevistas. Dito de outra forma, a realização desse procedimento foi importante para identificar *in loco* as características propostas pelos atributos das experiências de ócio associando com o relato dos alunos.

As aulas, em ambos os grupos analisados, eram realizadas em um ambiente com uma infraestrutura física adequada às suas especificidades. Os ensaios do Coral são conduzidos por dois professores – com formação em nível superior em música – em uma sala com isolamento acústico, possui um piano/teclado, microfones, uma espécie de palanque com degraus para o posicionamento dos alunos. Por sua vez, as aulas de dança ocorrem em uma ampla sala espelhada, com piso em madeira lisa. Para melhor entendimento da dinâmica nas aulas, descrevemos um ensaio em cada modalidade analisada.

A primeira observação do Coral ocorreu no dia 04/06/2016. Uma das pesquisadoras sempre chegava um pouco antes do horário das atividades para poder perceber a dinâmica da aula – antes, durante e depois. Antes do início das atividades, os alunos se acomodam pela sala e formam pequenos grupos para conversarem entre si. No horário marcado o professor inicia a aula; dá um bom dia, e diz que a turma irá ensaiar duas músicas para a audição na igreja.

Primeiramente, o professor começa um alongamento com os alunos de maneira bem descontraída; foram alongados os músculos do pescoço, ombros e mandíbula. Durante a atividade os alunos faziam piadas sobre algumas posições “engraçadas” realizadas, e, também, sobre a dor que sentiam ao fazerem os exercícios. Em seguida, o professor se posiciona ao teclado, e toca alguns acordes³, alternando os tons entre crescente e decrescente; os alunos “soltam a voz” conforme as orientações. Posteriormente, esses acordes são tocados de maneira mais lenta, enquanto os alunos fazem som de “hummm” para acompanhá-lo.

A próxima atividade, também segue os acordes tocados, os alunos vocalizam fazendo “mi, mi, mi”. Ao observar o desempenho dos alunos, o professor dá um *feedback* corrigindo a respiração e a postura. A aula prossegue com a realização de várias técnicas vocais e a constante intervenção do professor fazendo as correções. Próximo de acabar o ensaio é feito um ensaio geral de uma

³ Acorde é a combinação de três ou mais sons simultâneos e diferentes.

música que será executada no culto da igreja. O professor ao perceber a desafinação de alguns alunos, enfatiza a repetição das notas musicais; quando é realizado corretamente, todos os alunos batem palma e comemoram. Terminado o tempo do ensaio algumas pessoas ficam conversando e outras saem da sala.

A aula de dança é conduzida por uma professora – que não possui formação na área, mas possui expertise enquanto dançarina, tendo também, realizado diversas capacitações – acontece das 13:30 às 16:30 horas. No começo da aula é feita as pessoas fazem uma roda, dando as mãos para realizar uma oração. Nesse dia em específico, houve um ensaio final para uma apresentação naquela noite.

A professora coloca uma música e começa a executar movimentos gerais para fazer um aquecimento muscular, variando o ritmo e envolvendo os diferentes segmentos corporais. Algumas alunas se dispersam no alongamento, e começam a conversar; a professora chama a atenção da turma quanto à postura durante os exercícios. Após esse período, as alunas se posicionam para começar o ensaio da coreografia. Enquanto a professora organiza o grupo, algumas alunas se distraem com brincadeiras e conversas paralelas. Primeiramente é repassado os passos da coreografia sem a música; a professora posiciona cada integrante em sua posição e rever os movimentos programados, fazendo os devidos ajustes. Posteriormente a música é inserida para a execução de toda a coreografia. A professora repassa os movimentos e posições sem a música, buscando a melhor execução dos movimentos e sincronismo. Conversas e risos acontecem ao longo de todo o ensaio.

Em síntese, embora inseridos em um contexto que requeria disciplina e acato as orientações dos professores, em ambos os grupos percebemos um ambiente descontraído, “leve”, ao mesmo tempo, de empenho e entrega às atividades propostas. A realização da parte litúrgica, oração e leitura da Bíblia, associada à parte técnica de cada modalidade analisada é uma dinâmica natural para os grupos.

Ao analisarmos as interações sociais, tanto por meio das observações, como também constatado nos depoimentos, identificamos existir o que os alunos denominaram como uma “grande família”. As pessoas, segundo os relatos, podiam contar com o apoio e a colaboração dos diferentes membros do grupo para ajudar nos ensaios, ou no dia a dia. Também percebemos um real interesse, espontaneidade e satisfação das pessoas ao realizar essas atividades em um contexto religioso, o qual não impôs nenhum tipo de restrições quanto à parte técnica e de convívio. Enfim, percebemos um ambiente “normal” de relacionamento e de aprendizagem.

Apresentada essas percepções iniciais, passamos à discussão das entrevistas realizadas. Para tanto, elegemos algumas categorias de análise conforme as perguntas que balizaram a temática. Em virtude da similaridade das respostas apresentadas pelos participantes, citaremos apenas os depoimentos de três membros de cada grupo investigado. O Quadro 1, demonstra os depoimentos dos alunos quanto ao interesse de participar dos ensaios.

Quadro 1. Interesse dos alunos em participar dos ensaios

Questão norteadora: O que te levou a participar dessa atividade?
Coral
P5 (37F) “Porque eu já era aluna da Fábrica. [...] Porque eu queria trabalhar a técnica, eu vivi o tempo todo dentro da igreja cantando” [...].
P4 (44M) “[...] vim de uma família de músicos, uma família de cantores; o pessoal gosta de coral [...], como eu sempre gostei de música, e a referência que eu tive da Fábrica de Artes quanto aos músicos, a maioria tem formação no Palácio das Artes, na UFMG (sic. Universidade Federal de Minas Gerais), então me interessei muito [...]. Eu gosto de música, música é meu escape do dia a dia, do trabalho, da minha empresa, dos meus negócios, quando eu venho pra música eu esqueço de tudo, eu apago tudo”.
P3 (43M) “Primeiro, porque eu gosto de música, né. Fazia aula de canto, e a questão da amizade também [...]. E também como se tá aprendendo a cantar, o coral também é um aprendizado, né, e isso que chamou a atenção.
Dança
P1 (23F) “Eu sempre tive uma quedinha pelas danças urbanas [...] tô desde o início que fundou o projeto até hoje”.
P2 (22F) “Bom... eu sempre gostei muito de dançar, e... a dança sempre foi pra mim o momento de.... não é relaxamento, mas... de descontração, sabe? Eu danço desde pequenininha (risos). Daí eu descobri através das propagandas da igreja que tinha o DNA, e resolvi vir fazer o teste e passei.”
P3 (21F) “Era um sonho, na verdade desde criança, desde os oito anos, eu via o “mudança”, né. Na época era o “mudança” que dançava no templo e ardia muito no meu coração, aí eu fui e falei com

Deus: Deus, um dia eu quero dançar junto com essas meninas [...].

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em síntese, podemos identificar algumas vivências que conduziram as pessoas a participarem de suas respectivas atividades: experiências individuais prévias, influência familiar com a arte, forma de relaxamento e descontração, melhoria da técnica. Essas características se assemelham com as experiências de ócio. Para Francileudo (2013) uma experiência de ócio deve ser compreendida enquanto uma perspectiva psicológica que proporcione um desenvolvimento pessoal, indo além do simples relaxamento, prazer, preenchimento do tempo ou fuga. Rhoden (2009) entende o ócio como vivência que não se encontra na atividade, mas, sim, na subjetividade. Monteagudo et al. (2013) relatam que é a subjetividade que aproxima as pessoas do ócio, pois apresenta uma materialidade na forma de ser e de estar no mundo conforme as circunstâncias envolvidas. Portanto, trata de uma disposição desejável, que possibilita o espírito de curiosidade e interesse, funcionando como agente catalisador entre o comportamento e a ação vivenciada.

Ademais, o ócio enquanto prática social centrada na subjetividade e conhecimento cotidiano da pessoa, não se apresenta de forma linear e causal, mas está imbricado de maneira dinâmica e complexa com os demais fenômenos sociais, independente dos tempos sociais. Dessa forma, as justificativas apresentadas por ambos os grupos, podem ser agrupadas, grosso modo, em duas categorias, motivação e satisfação.

Segundo Monteagudo et al. (2013) a motivação é uma construção dinâmica que pode experimentar mudanças causadas por fatores externos e internos. No caso do ócio autotético, o que Cuenca denomina como o verdadeiro ócio, a motivação intrínseca é o fator preponderante. Esse atributo está diretamente relacionado com a percepção da liberdade na escolha da vivência, em outras palavras, a pessoa sente-se livre do sentimento de obrigação ao fazê-la, estabelecendo um vínculo afetivo peculiar.

No entendimento de Cuenca (2008) as experiências de ócio nos situam num âmbito que não está dominado pelo dever ou pela obrigação, mas pelas ações com finalidade em si mesmas e por si mesmas; em outras palavras, não se visa obter alguma recompensa material ou psicológica ao realizá-las, isso porque, essas experiências, por si só, são a própria recompensa, logo o seu benefício sempre será a autossatisfação.

Uma proposta bastante interessante para se compreender o significado de uma experiência é discutida por Larrosa (2002, p. 25) ao relatar que “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Percebe-se claramente a distinção entre ter uma experiência significativa, e uma mera vivência, destituída de qualquer representatividade afetiva para a pessoa. Para esse autor as vivências “são vazias”, sem sentido, profundidade; enquanto que as experiências se destacam pela relevância significativa quanto ao aspecto de “destruição” do que éramos, ou seja, na capacidade de resignificação promovida por ela. Assim, ao passar ativamente pela experiência, sairemos dela de maneira diferente, transformados, trazendo novos sentimentos representativos ao nosso ser. Larrosa denomina esse processo de “sujeito da experiência”.

Esse sujeito é afetado pelos sentimentos advindos da experiência, sendo marcado, deixando vestígios e alguns efeitos. Isso só será possível se a pessoa estiver aberta a se entregar integralmente à experiência. Entende-se, portanto, que a experiência precisa nos acrescentar algo, nos transformar e/ou completar.

Essas experiências proporcionam gozo, paz interior, esperança e sentido na vida. Ocorre quando a pessoa pode entregar-se completamente à manifestação das suas emoções, de sua personalidade, de deixar fluir do seu interior toda a capacidade criadora e criativa de seu ser; muitas vezes, ignorando até mesmo as circunstâncias sociais e pessoais negativas, que se está vivendo.

É nesse instante que se expressa naturalmente o ser no mundo. É encontrar um alento para a alma, energizando-se do sentido da vida, podendo inclusive “contaminar”, isto é, influenciar positivamente quem está ao seu lado. Enfim, é por meio dessas experiências que a pessoa encontra-se consigo e com o mundo, transbordando sua afetividade, sendo transformado e transformando o mundo ao seu redor. Essas experiências são totalmente destituídas de qualquer tipo de interesse, isto é, não são utilitárias, não tem um “para que”, mas um “por que”. Esse “por que”, simplesmente está relacionado ao bem-estar que é produzido pela vivência dessa experiência.

A satisfação, outro atributo essencial ao ócio, é responsável pela sensação subjetiva de alegria, bem-estar e felicidade que é atribuída e entendida normalmente como resultado da ação de ócio realizada (MONTEAGUDO et al. 2013). Esses autores diferenciam prazer de satisfação. O ócio se distingue do simples entretenimento ou diversão – embora, estes sejam totalmente lícitos em

suas vivências – pelo grau de envolvimento positivo, com o esforço, empenho e a constância com que pessoa se envolve em uma vivência.

Dessa forma, a vivência de um ócio maduro e psicologicamente mais complexo, atua como fator de desenvolvimento pessoal, pois exige “[...] introspecção, reflexão, ação empenhada, consistência, formação em termos de aquisição de competências e habilidades” (MONTEAGUDO et al. 2013, p. 163). Assim, há um manifestar potencializador promovido pela vivência do ócio, que gera o desenvolvimento humano.

O sentimento de satisfação segundo Francileudo (2013), não se caracteriza somente pelo prazer, consiste também na descoberta do próprio “eu interior”, podendo ser inclusive transcendental – ocorrer em momentos de meditação, oração, reflexão –, ou nas capacidades adquiridas. Assim, a descoberta do ser, de acordo com Rhoden (2005), é um fator decisivo na interpretação da vivência, isso porque a experiência de satisfação depende do quanto a pessoa se identifica com o que está fazendo. Também, segundo essa autora, é importante que a pessoa seja capacitada o suficiente para executar tal tarefa para não se frustrar com possíveis resultados negativos.

Quanto à temporalidade envolvida ao sentimento da satisfação no ócio, Monteagudo et al. (2013) entendem que a mesma pode estar permeada em distintos momentos, antes, durante e o depois de vivenciá-la. A satisfação que antecede o momento do ócio, ou seja, a sua preparação, envolve uma antecipação cognitiva, que se traduz na criação de expectativas em torno dele. Por sua vez, durante ou após a sua vivência, o ócio produz sentimentos que o acompanham, permanecendo associados às recordações alegres do mesmo que se dará na memória. Importante ressaltar que cada experiência satisfatória é única, e jamais se repetirá novamente, mesmo que realizada a mesma atividade; por isso, denota um caráter enobrecedor para a formação humana (LARROSA, 2002).

A segunda pergunta, como demonstrada no Quadro 2, objetivou investigar a motivação atual dos alunos de ambos os cursos na realização da atividade escolhida.

Quadro 2. Interesse atual para participar dos ensaios

Questão Norteadora: O que te motiva a continuar a participar dos ensaios?
Coral
P3 (43/M) “Família. [...] é uma grande família, [...] é uma comunhão grande, tão grande que você esquece os seus problemas. Se chega aqui preocupado, já era preocupação, você sai daqui alegre, sorrindo, entendeu, cantando [...] é incrível, é incrível [...]”.
P4 (44/M) “Justamente porque como eu já tive essa formação familiar musical, eu sei o prazer que é a música, eu sei o que a música faz com o ser humano, que ela trata a gente por dentro [...] Então não tem como separar música pra quem gosta, eu amo música [...]”.
P5 (37/F) “É como você disse em outro momento é como se fosse uma terapia porque eu não tenho a intenção de cantar profissionalmente, mas, tenho a intenção de fazer parte de uma banda pra tocar voluntariamente na igreja”.
Dança
P1 (23/F) “Ah que me motiva a continuar é que eu sei que aqui é o meu lugar, encontrei o meu lugar, e eu creio que é o que Deus tem pra mim, não sei até quanto tempo, mas, agora nessa fase que eu estou, é o que Deus tem pra mim, porque eu me sinto realizada. Aqui eu cresci, tecnicamente falando, emocionalmente, intelectualmente, espiritualmente eu cresci aqui, [...] é fenomenal. Assim, o DNA (sic. Nome do grupo de danças) veio pra acrescentar na minha vida, pra somar, e tipo, eu tenho experimentado coisas que eu jamais pensaria experimentar, e, isso, me dá a certeza de que estou no lugar certo, e me impulsiona a continuar”.
P2 (22/F) “Ah tudo! Acho que as pessoas que a gente conhece aqui se tornam uma família da gente, entende? [...] A gente aprende muito aqui, e quando nos apresentamos é maravilhoso poder chegar com uma mensagem de Deus no coração das pessoas”.
P3 (21/F) “[...] eu acho que é porque eu gosto, e, também, pelo compromisso, e quando a gente entende que é de Deus, eu acho que é muito mais fácil sabe, e não fica um peso, não é um peso, sabe, você se compromissar todo sábado a tarde então [...]”.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Por meio dos depoimentos podemos destacar os atributos de socialização e desenvolvimento humano. Cuenca (2008) compreende o ócio como uma experiência para além de facilitar as relações sociais, mas, também, contribui para a identificação com o outro. Assim, essas experiências resgatam o sentimento de humanização tão esquecido ultimamente. Conforme relatado por Francileudo (2013), para ser humanista o ócio deve necessariamente proporcionar uma

experiência enriquecedora que esteja diretamente vinculada com os valores tão caros ao ser humano.

Cuenca (2000, 2003, 2008) defende a ideia de que a experiência de ócio na perspectiva humanista existe em ambientes onde há o relaxamento, e onde a pessoa esteja fora da estrita regulamentação da rotina cotidiana. Ela é uma experiência gratificante pautada pela existência de experiências com sentido, na incorporação de um tempo para recordar os sentimentos e que permite, também, reviver experiências passadas satisfatórias.

Por sua vez, a contribuição do ócio para o desenvolvimento humano ocorre a partir do momento que as vivências requerem um grau de complexidade psicológica, promovendo transformações pessoais. Rhoden (2008) destaca que o desenvolvimento pessoal no âmbito psicológico conduz ao aprimoramento da capacidade de autoconhecimento, por meio da introspecção, do processo psicológico (cognitivo, emocional ou espiritual), do aprender a parar, escutar, meditar, contemplar. Enfim, para essa autora, o ócio contribui para a construção da estruturação da personalidade.

Seguindo essa mesma perspectiva, para Monteagudo et al. (2013) o ócio é entendido como fator de desenvolvimento humano e exige da pessoa que o vivencia alguns sentimentos como “[...] introspecção, reflexão, ação empenhada, consistência, formação em termos de aquisição de competências e habilidades”. Ainda conforme os autores em tela, “[...] o ócio tem em resposta às necessidades inatas que o ser humano tem de mudar, crescer, melhorar e superar. O ócio imprime sentido à vida através da sua capacidade de nos fazer sentir vivos, pessoas de valor, em estado de progresso permanente”.

O Quadro 3, apresenta as respostas referentes à terceira pergunta, que teve como objetivo identificar se existe uma interferência da religião atividades culturais.

Quadro 3. Influência da religião nas vivências realizadas

Questão Norteadora: Qual a sua religião? Acha que ela interfere em participar de algumas atividades culturais? Explique.
Coral
P1 (22F) “Evangélica. Não, nenhuma. Não, na verdade eu sempre quis estudar música. Corrigindo, tem relação com minha religião, sim. É... a minha vontade é ministrar um louvor, e não é você pegar um microfone e cantar, é realmente você ministrar ao coração da pessoa [...] então, entrar aqui foi isso, é pra poder realmente acrescentar mais experiências. Pra você cuidar de uma pessoa, você tem que está pronta, eu quero cuidar de pessoas com minha voz”.
P2 (22F) “Sou cristã. No meu caso interferiu porque eu entrei na fabrica porque eu fui entrar no ministério de louvor. Né, então, assim, foi pelo ministério, por isso, por ser cristã, por estar no ministério, que eu entrei na fabrica, e aí eu entrei no coral, se não, eu nem ia saber do coral, então no meu caso foi”.
P4 (44M) “Nasci no lar cristão. Não nenhuma, ao contrário, a minha igreja orienta a participar, fazer faculdade, fazer aula de canto, aula de música, fazer mestrado...”
Dança
P1 (23F) “Sim, sou cristã. Sim, porque a gente que está na igreja, a gente tem sempre o hábito de sempre está querendo fazer alguma coisa pra Deus, né. Seja qual for o ministério, seja qual for a área, e... eu me encontrei na dança, né! Então, foi um meio que eu encontrei, a religião me influenciou no seguinte, a dança foi o meio que eu encontrei de servir a Deus da minha forma”.
P2 (22F) “Evangélica. Ah não. Porque eu sempre gostei de dançar. Como eu te disse, isso em casa, com os amigos, em qualquer lugar, então, não acho que minha religião tenha afetado”.
P4 (22F) “Sim, sou Evangélica da Lagoinha, não, eu creio que independente de ser cristã sempre gostei muito de dança, então, eu me envolveria de qualquer forma.”

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em geral, percebemos que os participantes do Coral tiveram uma maior influência religiosa-familiar para escolher a vivência do Coral; enquanto que na dança, houve uma menor influência desse aspecto. Assim, o Coral por ser uma tradição litúrgica no meio religioso pode ter exercido uma maior influência nas escolhas dos seus praticantes. Por sua vez, a inserção da dança como parte litúrgica, nas igrejas evangélicas no Brasil, é algo mais recente, a partir do final dos anos de 1990.

Os alunos citaram influências positivas quanto à associação de tais vivências ao agradar a Deus. Identificamos que a própria Bíblia Sagrada legitima momentos de ócio, por meio de celebrações, caracterizando-se pela alegria e júbilos, danças, cânticos, como citados em vários versículos, por exemplo: 1) E, tendo toda a congregação conselho para celebrarem outros sete dias,

celebraram ainda sete dias com alegria” (2 Crônicas 30:23); 2) “Celebrai com júbilo ao SENHOR, todas as terras” (Salmos 100:1); 3) “Um cântico haverá entre vós, como na noite em que se celebra uma festa santa; e alegria de coração, como a daquele que vai com flauta, para entrar no monte do Senhor, à Rocha de Israel” (Isaías 30:29). Outros exemplos que se pode dar conforme as narrativas bíblicas, encontram-se nos evangelhos de Lucas e Mateus. Sendo assim, é possível dizer que os fatores religiosos nesta determinada análise, não são um fator limitador para as vivências realizadas, pelo contrário, contribuem ainda mais para uma experiência de ócio.

Outra pergunta realizada, como demonstrada no Quadro 4, objetivou identificar o motivo pela escolha de participar dos ensaios na Fábrica de Artes, ou seja, em um contexto religioso.

Quadro 4. Motivos em participar da Fábrica de Artes

Questão Norteadora: Por que escolheu fazer essa atividade na Fábrica de Artes e não em outro lugar?
Coral
P1 (22F) “[...] existem pessoas parecidas com você, que entende seu ponto de vista e respeita primeiramente a religião, mas respeitam Jesus [...] é um lugar que eu posso abrir a boca e falar de Jesus sem ninguém me ofender, sem ninguém vir me atacar, entendeu? [...] tudo o que passa pela sua vida física, primeiro ela passa pelo mundo espiritual, então aqui na fábrica de artes por ser uma escola cristã de música é um lugar que trata também do espírito e do físico que no caso é a voz. Não faria, porque ... eu me encontrei aqui (risos)”.
P4 (44M) “Justamente por causa dos professores [...] aí eu vou pra faculdade, pra ver se é algo profissional pra mim, porque a princípio parece que é uma coisa muito simples [...]. Faria, e meu sonho seria na UFMG (sic. Universidade Federal de Minas Gerais)”.
P5 (37F) “O preço é muito mais em conta, e no canto eu sempre tive o mesmo professor [...]; todos os professores da Fábrica, são bons, então a gente tem dedicação não só porque é mais em conta, mas, porque os professores são... eles são competentes”.
Dança
P2 (22F) “Ah, porque eu tive boas recomendações da Fábrica, aqui os profissionais são muito bons sabe. Não me arrependi de ter vindo pra cá, e meio que acabou juntando o útil ao agradável (risos), porque posso adorar a Deus com minha maior paixão. Acho que hoje eu não faria em outro lugar (risos), porque eu já me apeguei muito aqui, à Gaby, às meninas, ao modo de ensinar, a tudo sabe, não sei se faria em outro lugar não”.
P3 (21F) “Então é... eu acho que... não tendo tempo pra fazer aula em outros lugares é ... isso, assim me bloqueou um pouco, e aqui sendo no final de semana é melhor, e também pelo fato que de alguma forma aqui a gente não paga [...]. Faria se eu tivesse tempo e disponibilidade eu faria”.
P4 (22F) “[...] só na excelência técnica dos professores mesmo em si [...]. Sim, eu acho que a gente também tem que ter outros tipos de experiência [...]”.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em geral os principais motivos apresentados pelos depoentes para participar das vivências culturais na Fábrica de Artes, estão relacionados com a identificação religiosa, isto é, vinculado com a possibilidade de compartilhar e expressar fé com outras pessoas, o reconhecimento da capacitação técnica dos professores, a disponibilidade dos horários. Portanto, há múltiplos fatores que interferem na escolha para a realização das vivências nesse espaço, não se limitando, tão somente, aos aspectos religiosos.

Todavia, pelo menos quanto ao grupo do Coral, por ser composto em sua maioria por pessoas de maior idade e tempo de conversão – termo usado para definir quando a pessoa aceitou a Jesus Cristo como Senhor e Salvador de sua vida –, estar em um ambiente com pessoas que compartilham a mesma convicção de fé, é um fator diferencial para participar dos ensaios; enquanto que no grupo de dança, formado em sua maioria por jovens, o que pode denotar em valores geracionais distintos, porém, não contraditórios, o aspecto religioso não foi tão preponderante para essa escolha. Entretanto, as pessoas de forma geral estão abertas a realizar essas vivências em um ambiente não religioso. Assim, podemos inferir a ausência de um sectarismo quanto à participação dessas pessoas em um ambiente secular.

Ademais, é importante observar que um sistema de signos demonstra uma pluralidade de crenças, existindo, então, de maneira mútua uma relação indestrutível com a religião. Assim, a compreensão dos motivos pela escolha de um local para a realização de uma vivência artística não pode ser simplista e reducionista, a ponto de desconsiderar as especificidades de cada denominação e contexto social que as pessoas estão inseridas. Portanto, a opção pela vivência de

uma modalidade artística por pessoas de determinada religião deve ser analisado sob à luz de suas crenças e condições as quais são realizadas.

Retomando o pensamento de Prandi (2008), é importante ressaltar a influência da inter-relação dos valores culturais e religiosos na constituição de uma sociedade. O autor entende que há uma inter-relação entre ambos fenômenos, ou seja, refletindo, assim, em uma (re)construção dos signos e das relações estabelecidas nessa complexa e dinâmica rede social.

Por fim, perguntamos às pessoas se as vivências das modalidades artísticas em questão poderiam contribuir para a sua formação humana. O Quadro 5, apresenta alguns apontamentos feitos pelos entrevistados.

Quadro 5. Contribuição das vivências para a formação humana

Questão Norteadora: Participar dessa atividade na igreja contribui para a formação de valores, princípios éticos ou como meio educativo? Explique.
Coral
P1 (22F) “Com certeza [...] estudar uma música é diferente da matemática português... é música... então contribui pra todas as áreas da vida”.
P4 (44M) “Eu acho que os três. O grupo que trabalha aqui já tem uma veia religiosa, então a veia religiosa pra mim forma muito valor, muito mesmo [...]. Completamente nelas, porque tudo o que canta aqui leva você pra praticar o bem [...] a ideia aqui é de formação ética, moral, tudo através da música, que ouve, que fala, tudo te leva pra isso, nenhuma te leva pra baixo, nem te leva pra fazer coisa errada, só coisa boa”.
P5 (37F) “Contribui sim, [...] isso exige assim da gente mais postura ética”.
Dança
P2 (22F) “Os três. Bom, porque aqui a gente aprende a ter respeito, respeito com tudo, com os limites, as diferenças, com os ensinamentos, a gente aprende sobre Deus, e acaba que o tempo todo a gente “aprende” (risos), então engloba as três questões sim”.
P3 (21F) “Pode ser os três? (risos), eu acho que os três, é ... porque a gente aprende essa questão de se relacionar, do respeito, e... pra.. até como aprendizado da própria técnica mesmo a gente se desenvolver também...”.
P4 (22F) “Os três, eu acho que contribui pros três, porque a dança se a gente for olhar ... ela te ajuda... no seu comportamento em si, [...] educativo porque além de você educar o seu corpo né, [...] princípios éticos porque você tem uma visão de mundo também [...]”.

De forma unânime os alunos reconhecem a contribuição das vivências artísticas no contexto religioso como um importante meio de desenvolvimento para a formação humana quanto aos aspectos éticos e educativos, portanto, podendo ser caracterizadas como experiências de ócio. Para Cuenca (2008, p. 53) o ócio é entendido “[...] como experiência humana, se separa do mero passar o momento, transformando-se numa vivência integral, relacionada com o sentido da vida e com os valores de cada um, coerente com todos eles”. Enfim, essas experiências são carregadas de subjetividade e intencionalidade que permitem um desenvolvimento pessoal e social, estabelecendo relacionamentos construtivos ao ser humano, contribuindo para dar sentido à vida.

Autores como Rhoden (2009) e Francileudo (2013), apontam o ócio como um momento que pode beneficiar o homem em diversos aspectos, como a autodescoberta, a qualidade de vida, o desenvolvimento psicológico e social. Assim, o ócio pode contribuir para formar a pessoa, por meio da autorrealização, expressar os sentimentos e saber lidar consigo mesmo e com os outros.

Nesse sentido, Cuenca (2008) afirma que é necessário promover uma educação para o ócio, pois tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento humano. Csikszentmihalyi (2001) citado por Cuenca (2008), declara que quando a pessoa participa harmoniosamente com o meio social e cultural, consegue desenvolver seu potencial humano, único, aumentando assim, sua complexidade psicológica.

Retomando as reflexões feitas por Larrosa quanto à significação das experiências na vida do ser humano. Uma proposta bastante interessante para se compreender o significado de uma experiência como promotora do desenvolvimento humano é discutida por Larrosa (2002, p. 25) ao relatar que ela “[...] é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova”. Ainda para esse autor, “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (LARROSA, 2002, p. 25). Percebe-se

claramente a distinção entre se ter uma experiência significativa e uma mera vivência⁴ destituída de qualquer representatividade afetiva para a pessoa. Em outras palavras, essas são vivências vazias, sem sentido.

Esse autor também destaca a relevância da experiência significativa quanto ao aspecto de “destruição” do que éramos, ou seja, na capacidade de ressignificação promovida por ela; isto é, ao passar ativamente pela experiência, sairemos dela de maneira diferente, transformados, trazendo novos sentimentos representativos ao nosso ser. Como resultado desse processo, Larrosa, denomina de “sujeito da experiência”.

Esse sujeito seria afetado pelos sentimentos advindos da experiência, sendo marcado, deixando vestígios e alguns efeitos significativos na construção do seu ser. Isso só será possível, segundo Larrosa, se a pessoa estiver aberta a se entregar integralmente. Esse autor denomina essa circunstância como “um espaço onde têm lugar os acontecimentos”. Complementado o seu pensamento a esse respeito, Larrosa declara:

[...] o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial (LARROSA, 2002, p. 24).

Entende-se, portanto, que a experiência precisa nos acrescentar algo, nos transformar e/ou completar. Assim, conforme Larrosa, ela deve ser fruto de uma paixão, como proposto pelo filósofo Espinosa:

Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional (LARROSA, 2002, p.26).

Tendo em vista essa proposta, Larrosa entende a experiência como paixão, primeiramente a partir de uma liberdade de escolha, mas que ao mesmo tempo é paradoxal, pois cria uma dependência, um vínculo, uma “escravidão”. Dessa forma, o sujeito apaixonado, conforme o autor, não possui o objeto, mas é possuído por ele.

Enfim, essas experiências proporcionam satisfação, paz interior, esperança e sentido na vida da pessoa. É quando ela pode entregar-se completamente à manifestação dos seus emoções, de sua personalidade, deixar fluir do seu interior toda a capacidade criadora e criativa de seu ser; muitas vezes, ignorando até mesmo as circunstâncias sociais e pessoais negativas, que se está vivendo.

É nesse instante que se expressa naturalmente o ser no mundo; é encontrar um alento para a alma, energizando-se do sentido da vida, podendo inclusive “contaminar”, isto é, influenciar positivamente quem está ao seu lado. Enfim, é por meio dessas experiências que a pessoa encontra-se consigo e com o mundo, transbordando sua afetividade, sendo transformado e transformando o mundo ao seu redor. Importante ressaltar que cada experiência é única e jamais se repetirá novamente, mesmo que realizada a mesma atividade; por isso, do seu caráter enobrecedor para a formação humana (LARROSA, 2002).

Essas experiências são totalmente destituídas de qualquer tipo de interesse, isto é, não são funcionalistas, não tem um “para que”, mas um “por que”. Esse “por que”, simplesmente está relacionado ao bem-estar que é produzido pela vivência dessa experiência. Considerando essa perspectiva essa realidade também pode ocorrer no contexto religioso por meio das distintas manifestações artísticas que são oferecidas por algumas denominações.

Entendemos assim como Garafalo-Neto (2011), que a diversão é uma criação divina, portanto, legítima de ser vivenciada, inclusive no contexto religioso. As vivências artísticas nesse cenário representam uma apropriação cultural e também uma possibilidade de experiências

⁴ Neste trabalho adotarei a perspectiva de Larrosa quanto à experiência significativa, diferenciando-a de uma mera vivência. A primeira proporciona uma afetividade e o desenvolvimento da pessoa. Quando da ausência dessa representatividade, nomeá-la-ei apenas enquanto uma vivência.

enriquecedoras para o ser humano. A presença da ludicidade, da descontração e descompromisso, contrasta com a dedicação e seriedade ao fazer as atividades propostas durante os ensaios.

Todavia, os aspectos eclesiais e/ou litúrgicos não atuaram como fatores limitadores às vivências analisadas, pelo contrário, até as potencializaram, criando um ambiente saudável e a adoção de um compromisso com o que era realizada, contudo, sem criar um sentimento de obrigatoriedade ou de profanação. Por fim, os dados demonstram que a realização das vivências artísticas no contexto religioso pode assumir harmoniosamente um duplo papel: o de desenvolvimento humano, e também, como meio litúrgico/ evangelização, segundo a percepção dos participantes da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo tem como objetivo compreender se a apropriação das vivências artísticas em um contexto religioso poderia ser entendida enquanto experiência de ócio. Essa realidade foi identificada na proposta do ministério Fabrica de Artes. Este além de promover a possibilidade de diferentes vivências artísticas como meio educativo e de experiências de ócio, também apresenta como proposta pedagógica a formação de valores, princípios éticos, contribuindo, assim, com o desenvolvimento pessoal dos envolvidos no ministério.

Os dados apontados pela pesquisa permitiram identificar que as vivências analisadas apresentam características semelhantes às experienciais de ócio, conforme os atributos que balizam a sua vivência, como: motivação intrínseca, percepção de liberdade, descanso ou relaxamento, sociabilidade e desafio, e desenvolvimento humano. Assim, o contexto religioso não interferiu como fator limitador dessas vivências, pelo contrário, potencializou os diferentes benefícios que se pode ter por meio das mesmas.

A partir da identificação dessa realidade corroboramos à ideia de Francileudo (2013) quanto ao incentivo de uma formação e “educação para o ócio”, ou seja, promover ações que busquem conscientizar o reconhecimento das experiências significativas em diferentes contextos sociais, para além da necessidade das vivências no tempo livre e, sobretudo, focadas no divertimento. Essas experiências podem ocorrer inclusive no contexto religioso por meio, por exemplo, da vivências das diferentes manifestações artísticas que podem ser oferecidas em algumas denominações protestantes.

REFERÊNCIAS

- Aquino, C. A. B.; Martins, J. C. O. (2007): Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. En Revista Mal-Estar e Subjetividade, V. VII, N. 2, 2007, p. 479-500. Disponível em: <http://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1595/3577>. Acessado em: 21/06/2016.
- Barbosa, R.; et al. (2004): Experiência religiosa e experiência estética em artistas plásticos: perspectivas da psicologia da religião. En Psicologia: reflexão e crítica. v. 17. n. 2. Porto Alegre, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n2/22474.pdf>. Acessado em: 21/06/2016.
- Bardin, L. (1977): Análise de conteúdo. Lisboa, Portugal. Edições 70. 1977.
- Baptista, M. M. (2016): Estudos de ócio e leisure studies: O atual debate filosófico, político e cultural. Revista Brasileira de Estudos do Lazer, v. 1, n. 1, p. 20-30, 2017. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/3860/2815>. Acessado em: 21/06/2017.
- Bíblia Online. Versão: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/bible/211/gen.2.ntlh>. Acessada em: 16 de março de 2016.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2012): Conselho Nacional de Saúde. Resolução N 466, de 12 de dezembro de 2012. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acessado em: 08/04/2015.
- Costa, W. S. R. O pedaço dos crentes: uma proposta para o estudo das articulações entre protestantes e pentecostais. Anais do V Congresso da ANPTECRE - “Religião, Direitos Humanos e Laicidade”. 2015. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/5anpteacre?dd1=15543&dd99=view&dd98=pb>. Acessado em: 23 de julho de 2016.
- Cuenca, M. C. (2000). Ócio humanista. Dimension y manifestiones del ócio. Bilbao: Universidad de Deusto.

- Cuenca, M. C. (2008): Ocio humanista. En: Cuenca, M. C.; Martins, J. C. O (Coord.). Ócio para viver no século XXI. Fortaleza. As Musas.
- Cuenca, M. C. (2014) Aproximación al ocio valioso. En Revista Brasileira de Estudos do Lazer. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.21-41, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/330/228>. Acessado em: 14/05/2015.
- Cuenca, M. C. (2016): O ócio autotético. En Revista do Centro de Pesquisa e Formação. Serviço Social do Comércio. São Paulo. N. 2, p. 10-29, maio. 2016. Disponível em: Acesso em: 06/05/2016.
- Creswell, J. W. (2010): Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2 ed. Porto Alegre: Artmed.
- Freitas, J. R. M.; Romeiro, M. A. S. (2016): Reforma e protestantismo: a gênese de uma nova ideia de justiça. Em Revista Pensamento Jurídico, v. 9, n. 1, 2016. Disponível em: <http://www.fadisp.com.br/revista/ojs/index.php/pensamentojuridico/article/view/45/56>. Acessado em: 19/06/2015.
- Eliade, M. (2010). História das crenças e das ideias religiosas, volume I: da idade da pedra aos mistérios de Elêusis. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Francileudo, F. A. (2013): A perspectiva humana do ócio: revistando a proposta do instituto de Deusto. En: Martins, J. C. O.; Baptista, M. M. O ócio nas culturas contemporâneas: teorias e novas perspectivas em investigação. Coimbra: Grácio. 2013.
- Gabriel, O. P. B.; Marcellino, N. C. (2007): Algumas aproximações possíveis entre lazer e religião. En Licere, v.10, n.3, dez./2007. Disponível em: https://www.ufmg.br/prpq/images/revistalicere/licerev10n03_a6.pdf. Acessado em: 14/07/2014.
- Garofalo-Neto, E. (2011): A busca humana da diversão sob a Ótica bíblica de criação-queda-redenção. En FIDES REFORMATATA XVI, Nº 2, p. 27-49, 2011. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/Fides_Reformatata/16/16artigo2.pdf. Acessado em: 16/12/2016.
- Gil, A. C. (2008). Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas.
- Gondim, R. (1999). É proibido: O que a Bíblia permite e a igreja proíbe. São Paulo, Editora Mundo Cristão.
- Júnior, G. S. Marketing Religioso. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/ensaios/1710376>. Acesso em: 05/05/2016.
- Koll, V. (1996): História, religião e arte. Tempo Social. En Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 8(2): 105-117, Outubro de 1996. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/86331/88997>. Acessado em: 16/12/2016.
- Larrosa, J. B. (2002): Notas sobre a experiência e o saber de experiência. En Revista Brasileira de Educação. nº 19, p. 20-29, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acessado em: 10/08/2014.
- Maciel, M. G.; Carvalho, M. N.; Vieira Junior, P. R. (2016): Análise do ócio segundo a teologia protestante. X Seminário ócio e contemporaneidade: ócio: novas perspectivas para a investigação nas culturas contemporâneas, 2016.
- Marcellino, N. C. (1996). Estudos do lazer: uma introdução. 3. ed. Campinas: Autores Associados.
- Mesquita, W. A. B. (2007): Um pé no reino e outro no mundo: Consumo e lazer entre pentecostais. En Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 117-144, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v13n28/a06v1328.pdf>. Acessado em: 23/11/2016.
- Monteagudo, M. J.; Cuenca, J.; Bayón, F.; Kleiber, D. A. (2013): Ócio ao longo da vida: As potencialidades dos itinerários de ócio para a promoção do desenvolvimento humano. Revista Lusófona de Estudos Culturais | Lusophone Journal of Cultural Studies Vol. 1, n. 2, pp. 156-173. 2013. Disponível em: <http://estudosculturais.com/revistalusofona/index.php/rlec/article/view/39/57>. Acessado em: 16/12/2016.
- Marinho, A. Pimentel, G. G. A. (2010): Dos clássicos aos contemporâneos: revendo e conhecendo importantes categorias referentes às teorias do lazer. En: PIMENTEL, G. G. A. Teorias do Lazer. Maringá: Eduem, p.11-39.
- Paiva, G.J .; Garcia, A.; Gonçalves , A. K.; et al. (2004): Experiência Religiosa e Experiência Estética em Artistas Plásticos: Perspectivas da Psicologia da Religião. En Psicologia: Reflexão e Crítica, nº 17, v. 2, p. 223-232. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n2/22474.pdf>. Acessado em: 23/07/2016.
- Prandi, R. (2008): Converter indivíduos, mudar culturas. Tempo Social, n, 2, v. 20, p. 155-172. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v20n2/08.pdf>. Acessado em: 23/07/2016.

- Rhoden, I. (2009): O ócio como experiência subjetiva: contribuições da psicologia do ócio. En Revista Mal-Estar e Subjetividade – Fortaleza – v. IX – N°4 – p. 1233- 1250. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v9n4/08.pdf>. Acessado em: 16/02/2015.
- Rhoden, I. (2008): Ócio construtivo e o desenvolvimento humano. En: Cuenca, M. C.; Martins, J. C. O. Ócio para viver no século XXI. Fortaleza. As Musas, 2008.
- Rhoden, I. (2005): A experiência do ócio construtivo e a qualidade de vida. Textual/Fundação Cultural Assistencial Ecarta. Porto Alegre, nº 6, v. 1, p. 10-21, 2005. Disponível em: http://www.sinpro-rs.org.br/textual/Textual_set05.pdf. Acessado em: 08/04/2015.
- Roscoche, L. F. (2015): Religião e lazer: sua (i)materialidade no espaço geográfico – práticas de lazer no catolicismo e no protestantismo. En Revista de Arquitectura, Urbanismo y Territorios v, V. n, 1. Agosto-Diciembre 2015. Disponível em: http://148.228.173.140/topofiliaNew/assets/dmr_gam_rlf.pdf. Acessado em: 27/03/2016.
- Oliveira, M.; Romera, L.; Marcellino, N. C. (2011): Festa, lazer e religião: o caso da “Festa de São João” em Tupi, Piracicaba-SP. En Motriz, v.17 n.2, p. 303-310, abr./jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/motriz/v17n2/09.pdf>. Acessado em: 16/02/2015.
- Salis, V. (2008): Ócio: Da antiguidade ao século XXI. En: Cuenca, M. C.; Martins, J. C. O. Ócio para viver no século XXI. Fortaleza. As Musas, 2008.
- Shusterman, R. (2012): Arte e Religião. Redescobertas, v. 3, n. 3, 2012.
- Silva, A. A. R. (2008): Experiência estética versus experiência religiosa: anotações a partir dos estudos tillichianos sobre artes plásticas. En Revista eletrônica Correlatio n. 13, 2008. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/1671/1657>. Acessado em: 16/05/2015.
- Silva, S. D. C. F. (2013): Entre o ócio e sagrado e a sacralização do ócio. En: Martins, J. C. O.; Baptista, M. M. O ócio nas culturas contemporâneas: teorias e novas perspectivas em investigação. Coimbra: Grácio. 2013.
- Silva, L. H. P. D.; Penha, R. M.; Silva, M. J. P. D. (2012): Relationship between spiritual/religious beliefs and spiritual well-being of the nursing team. En Northeast Network Nursing Journal, v. 13, n. 3, 2012. Disponível em: <http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/735>. Acessado em: 06/10/2016.
- Strauss, A. Corbin, J. (2008): Pesquisa Qualitativa: Técnica e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed.
- Triviños, A. N. S. (1987). Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas.